Hugo Catunda Brasil Fontenele

VALDELICE CARNEIRO GIRÃO (*)

Com o objetivo de tornar conhecidas a história e a geografia da Província e concorrer para o desenvolvimento das letras e das ciências, era criado, a 4 de março de 1887, nos salões da Biblioteca Pública Provincial, o Instituto do Ceará.

Deve-se, a sua criação, a um grupo de doze figuras de realce da elite cearense, com atividades na magistratura, na medicina, no jornalismo e nas boas letras. Vultos como Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Guilherme Studart, Antônio Bezerra de Menezes, Joaquim de Oliveira Catunda, João Batista Perdigão de Oliveira, Júlio César da Fonseca Filho, Pe. João Augusto da Frota, Antônio Augusto de Vasconcelos, José Sombra, Virgílio Brígido, Virgílio Augusto de Moraes e Juvenal Galeno da Costa e Silva, representaram os fundadores.

Já em 1889, a Instituição receberia mais um membro de escol – Thomaz Pompeu de Sousa Brasil – substituindo José Sombra, este um dos primeiros a falecer, um ano depois da posse.

Em dezembro de 1912, entravam para a Confraria: Manuel Soriano de Albuquerque, Rodolfo Marcos Teófilo, Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, Antônio Teodorico da Costa e Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes.

No ano de 1828, o Instituto alterou o seu quadro social, elevando alguns sócios titulares a sócio honorário. As vagas foram preenchidas por Eusébio de Sousa, Thomaz Pompeu Sobrinho e Carlos Studart Filho. A inclusão dos novos sócios mereceu, do jornal *Gazeta de Notícia*, o seguinte comentário: "O Instituto do Ceará, pelo órgão de seus vultos representativos irá refundir, tendo nova

(*) Sócia Efetiva do Instituto do Ceará.

organização, novos moldes, não sendo a eles indiferentes os nomes respeitabilíssimos dos Srs. Drs. Thomaz Pompeu, Barão de Studart, Álvaro de Alencar e outros".

Algumas substituições foram acontecendo, incorporando-se, à Instituição, elementos da maior representatividade, tais como: Djacir Menezes, Clodoaldo Pinto, Dolor Barreira, Raimundo Girão, Mozart Soriano Aderaldo e tantos outros já falecidos, cuja memória hoje reverenciamos.

O certo é que, até 1954, o quadro estatutário compunha-se de vinte Sócios Efetivos.

Com a reforma do Estatuto, segundo Raimundo Girão, no discurso de posse dos dez recipiendários, ocorrido no dia 25 de agosto de 1955, o quadro foi acrescido para trinta sócios. Justificava, na ocasião, o orador: "Não se alcançaram pacificamente as modificações ultimamente introduzidas em nosso estatuto. Pelo contrário, para ensejar o vosso chamamento os corifeus da forma nova tiveram de transpor as barreiras de uma resistência que, por não declaradas, mais dificultava a dialética do convencimento"; e prosseguiu adiante "Vossa eleição... não resultou de quaisquer combinação ou transigência, senão do mais animado pleito de quantos se tem agitado na vida deste Instituto. De todos os sócios, no dia em Fortaleza, só dois, por motivo de saúde, não puderam votar e, por outro lado, grande era o número de candidatos apresentados, todos bem guarnecidos de credenciais legítimas e respeitáveis".[1]

Os fatos confirmaram a boa escolha já profetizada pelo Dr. Girão, quando este afirmava: "Felizmente com a letra do nosso atual estatuto, vamos começando esperançoso nova era!!! Já é tempo de em vez de simplesmente **escrever** História, Geografia e Antropologia, reproduzindo ou divulgando o que foi já escrito, passarmos a **fazer** História, Geografia e Antropologia, e para isso é mister abrir mais resolutamente as portas, ensejando que às nossas, se misturem e somem aos labores da juventude estudiosa..."[2]

[1] GIRÃO, Raimundo. Discursos. Revista do Instituto do Ceará, t. LXIX, 262.

[2] Idem.

Entre os vários candidatos inscritos para ingressar na Casa do Barão de Studart, foram escolhidos:

- João Batista Saraiva Leão que, segundo o orador, "de todos é o mais carregado na idade do corpo, porém tão moço quanto o mais moço na idade do espírito". Assim justificava os sessenta anos do professor de Faculdade de Medicina e cirurgião conceituado, com vários trabalhos publicados.

- Joaquim Braga Montenegro, escritor, ensaista e crítico literário, conhecido nacionalmente, merecedor, entre outros, do prêmio Afonso Arinos, patrocinado pela Academia Brasileira de Letras.

- José Aurélio Saraiva Câmara, brilhante oficial militar, que tão bem elevou o nome da Instituição nos cargos públicos que exerceu no País e fora dele e nas pesquisas realizadas, resultando trabalhos do quilate de Aspectos do Domínio Holandês no Ceará; Fatos e Documentos do Ceará Provincial, Capistrano de Abreu, livro este que lhe valeu o primeiro prêmio para autores históricos da Academia Brasileira de Letras.

- José Denizard Macedo de Alcântara, professor de História e Geografia do Instituto de Educação, da Escola Preparatória de Cadetes e depois Colégio Militar de Fortaleza e da Faculdade Católica de Filosofia. Orador privilegiado de memória e de palavras fáceis. Não deixou livros volumosos, mas seus escritos na Imprensa local o credenciaram a uma vaga entre os trinta.

- José Sobreira de Amorim, catedrático da Faculdade de Direito e professor de Latim e Literatura Latina na Faculdade de Filosofia, que ajudou a fundar.

- Luís Teixeira Barros, felizmente ainda entre nós, jornalista vibrante, escrevendo assiduamente na Revista do Instituto. Apesar de sua modéstia, exerceu cargos públicos de chefia no Governo do Estado por longos anos. Aposentado, hoje, do Magistério Universitário.

- Paulo Bonavides, à época com apenas trinta primaveras, já se destacava nos estudos feitos nas Universidades de

Heildelberger, na Alemanha, Harvard, nos Estados Unidos, assim como no Uruguai e Argentina, freqüentando ou ministrando cursos. Não obstante sua pouca freqüência às atividades do Instituto, a Casa do Barão se orgulha de tê-lo como membro.

- Manuel Albano Amora, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, redator da Revista da Faculdade de Direito, colaborador da imprensa e das Revistas das sociedades a que pertenceu. Foi um entusiasta do Instituto do Ceará, do qual chegou a ser Secretário Geral e Vice-Presidente.

- Ismael de Andrade Pordeus e Hugo Catunda, dois exímios pesquisadores, completavam a dezena de estudiosos que militavam nas letras, com estudos históricos e sociológicos de incontestáveis valores.

Hugo Catunda – genealogicamente Hugo Catunda Brasil Fontenele, a quem ora prestamos homenagem pelo seu centenário de nascimento. Veio ao mundo em 10 de agosto de 1899, na pequena Ipueiras, filho de José Bento de Oliveira Fontenele e Inocência Catunda Fontenele, ligado por parentesco aos dois primeiros membros do Instituto – Thomaz Pompeu de Sousa Brasil e Joaquim Catunda. Thomaz Pompeu foi escritor de múltiplas atividades: jornalista, político, educador, um dos fundadores da Faculdade de Direito do Ceará, Sócio da Academia Cearense de Letras, do Instituto e da Associação Comercial do Ceará, dos quais foi presidente durante várias gestões. Na opinião de Eusébio de Sousa, "Foi um dos cearenses mais notáveis do seu tempo".

Joaquim Catunda, autor de "Estudos de História do Ceará", destacou-se nos movimentos da abolição da escravatura negra, fundando o Centro Abolicionista em 25 de dezembro de 1882.

Na proclamação da República, sua participação não foi menor, criando em 1889, o Centro Republicano do Ceará, deste tendo sido também presidente.

Joaquim Catunda ocupou, no primeiro Governo Republicano do Ceará, a pasta das Relações Exteriores. Na política partidária, apareceu como Deputado Provincial nos biênios: 1866-1867, 1878-1879 e 1880-1881. Representou ainda o Ceará no Senado de 1890-1900.

Nosso homenageado já graduado no Curso de Ciências Sociais e Ensino Rural, pela Universidade do Rio de Janeiro, especializando-se nas questões pedagógicas, mais precisamente, no Ensino Normal Rural. Hugo Catunda escolheu a Capital Cearense para iniciar suas atividades empregatícia como funcionário público. Nos cargos que exerceu prestou relevantes serviços à Educação como Diretor do Departamento Estadual de Educação, Diretor do Arquivo e Museu Histórico, Diretor de Orientação e Fiscalização do Ensino, Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura de Fortaleza, Diretor do Ensino Rural e Delegado Regional do Ensino.

Foi ainda Vice-presidente do Conselho Estadual de Educação e Juiz em disponibilidade do Tribunal de Contas do Município de Fortaleza.

Escritor dedicado às pesquisas educacionais, históricas e genealógicas de estilo elegante, claro e preciso, Catunda escreveu: *Metodologia do Ensino na Escola Normal Rural*; *O Sentido Social da Educação Nova*; *Juvenal Galeno o Precursor da Arte Nova*; *João Brígido*; *Um Caudilho do Nordeste*, entre outros trabalhos.

Na Revista do Instituto, analisou a fixação da família Feitosa nos sertões do Icó e no vale do rio Jucá, escrevendo no Tomo 69, *O Grupo Feitosa na Formação Social do Nordeste.* Em *Duquesa do Ceará*, Catunda tratou do Título Nobiliárquico dado a Isabel Maria de Alcântara Brasileira, segunda filha do concubinato de D. Pedro I com a Marquesa de Santos; e de parte da biografia do *Senador Pompeu.* No Tomo 65, da mesma Revista, transcreveu farta documentação de seu arquivo particular sobre a *Questão Religiosa do Juazeiro*; o mesmo acontecendo, no Tomo 80, com documentos que tratam da *Balaiada.*

Como membro da Academia Cearense de Letras, ocupou a cadeira de n.º 36, que tinha, como patrono, o Senador Thomaz Pompeu de Sousa Brasil.

Na opinião de Rubens de Azevedo, seu sucessor no Instituto do Ceará, Hugo Catunda era um líder em sua terra natal. "Homem simples, amigo e prestimoso, a quem todos recorriam para a solução dos mais diversos problemas". E acrescenta: "se não foi Prefeito de Ipueiras ou outra qualquer cidade da Zona Norte do Ceará é porque nunca lhe atraiu a falsa importância dos cargos políticos.

Mas ele fez mais: foi um pesquisador paciente e seguro da nossa história e espalhou a mancheias o conhecimento de nossas origens. Isso sem falar nos aspectos multifários de sua cultura que abrangia as artes e a literatura".[3]

Do contato pessoal com seu antecessor, Rubens de Azevedo é autoridade para testemunhar que nosso homenageado "era um perfeito gentil-homem. A palavra que ele sempre utilizava, cabia-lhe a ele próprio como uma luva. Elegante, asseado, delicado no trato, era ele próprio o protótipo homem gentil".

Do consórcio com Dona Maria Martins Fontenele, nasceram seus filhos: José Orlando Catunda Fontenele, Promotor de Justiça, e Egberto Catunda Fontenele, funcionário público, ambos falecidos.

Hugo Catunda morreu em sua cidade natal, onde residia, no dia 7 de março de 1980.

(Palestra pronunciada no dia 05 de agosto de 1998)

[3] AZEVEDO, Rubens. Revista do Instituto do Ceará, t. XCV, 153-167.